



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras
Curso: Letras – Língua e Literatura Japonesa

Daniel Felix de Alfaz Neto
06/32112

**O Imperador Jinmu e a história japonesa:
A importância do mito na formação política**

Brasília (DF)
2014

Daniel Felix de Alfaz Neto
06/32112

O Imperador Jinmu e a história japonesa: A importância do mito na formação política

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Instituto de Letras como exigência parcial para obtenção do título de licenciado em Língua e Literatura Japonesa.

Orientador: Prof^o Augusto Profeta dos Reis

Brasília (DF)
2014



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras
Curso: Língua e Literatura Japonesa

Monografia apresentada à Universidade de Brasília como requisito para a conclusão do curso de Língua e Literatura Japonesa.

Orientador: Prof^o Augusto Profeta dos Reis

Este trabalho foi apreciado por uma Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Presidente (Orientador): Prof^o Augusto Profeta dos Reis

(Universidade de Brasília)

Membro: Prof^a Dra. Tae Suzuki

(Universidade de Brasília)

Membro: Prof^o Dr. Ronan Alves Pereira

(Universidade de Brasília)

SUMÁRIO

RESUMO	04
ABSTRACT1	05
INTRODUÇÃO	06
CAPÍTULO 1 - MITO E HISTÓRIA.....	08
CAPÍTULO 2 - O <i>KOJIKI</i> E O <i>NIHON SHOKI</i> NO PERÍODO NARA	14
2.1 O <i>Kojiki</i>	17
2.2 O <i>Nihon Shoki</i>	19
CAPÍTULO 3 - HISTÓRIA DO IMPERADOR JINMU	23
3.1 História do imperador Jinmu no <i>Kojiki</i>	23
3.2 História do imperador Jinmu no <i>Nihon Shoki</i>	25
3.3 Comparação das narrativas	27
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE HISTÓRICA DA NARRATIVA DO IMPERADOR JINMU	31
4.1 A importância da intuição para a construção da história	32
4.2 A classe dominante convencionou a história.....	33
4.3 Mito fundador.....	35
4.4 Características culturais	36
4.5 A importância da memória.....	37
4.6 Conflitos de identidade	38
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

RESUMO

O foco deste trabalho é a análise do mito do primeiro imperador mitológico japonês, Jinmu, através de uma perspectiva histórica do Japão no período Nara (710-794), juntamente com uma análise do contexto político-social da corte de Yamato nos séculos VI e VII.

Trata-se, dessa forma, de um estudo de caso que exemplifica a utilização de um mito como instrumento de exploração pelos historiadores, os quais coletam informações relevantes dos mitos para contextualizar o pensamento e a cultura da época antiga do Japão.

Portanto, este trabalho faz um levantamento investigativo que demonstra que o mito de Jinmu não foi apenas importante no passado, mas se tornou um mito perene até os dias de hoje devido à sua simbologia como mito nacionalista. Assim, necessitou-se de uma análise mais acurada para entender o pensamento da corte imperial durante a elaboração e oficialização deste mito, bem como compreender o contexto sociocultural do período Nara.

Palavras chaves: Mito, história, período Nara, *Kojiki*, *Nihon Shoki*, Jinmu, métodos historiográficos.

ABSTRACT

The focus of this work is the analysis of the myth of the first legendary Japanese emperor Jinmu through a historical perspective of Japan in the Nara period (710-794), together with an exam of the political and social context of the Yamato court in the 6th and 7th centuries.

It is a case study that exemplifies the use of myth as an instrument of exploitation by historians, which collects relevant information from myths to contextualize the thought and culture of Ancient Japan.

Therefore, this work makes an investigative survey which demonstrates that the myth of Jinmu was not only important in the past, but has become a perennial myth until now, due to its symbolism as a nationalist myth. Thus it is necessary a more accurate analysis to understand the thought of the imperial court during the elaboration and formalization of this myth, as well as understanding the social and cultural context of the Nara period.

Keywords: Myth, history, Nara period, *Kojiki*, *Nihon Shoki*, Jinmu, historiographical methods.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo de caso que compreende o mito como instrumento fundamental para que historiadores possam retirar dados históricos do momento em que o mito foi criado. Assim, este estudo será baseado no mito do primeiro imperador japonês, Jinmu, narrado no *Kojiki* e no *Nihon Shoki*, e sua contribuição para a história antiga do Japão. Primeiramente, será feita uma análise teórica da importância do mito para a produção historiográfica. Na segunda parte do trabalho, será abordado o contexto histórico em que o *Kojiki* e o *Nihon Shoki* foram compilados, respectivamente em 712 e 720, durante o período Nara (710-794), ou seja, verificar a preocupação da corte imperial de Yamato em fazer registros compactados relativos à nação japonesa. Em seguida, a atenção se baseará nos breves relatos sobre o mito do imperador Jinmu que é narrado nas duas obras supracitadas. Por último, será apresentada a contribuição do mito de Jinmu na formação político-histórica do Japão no período Nara, concomitante com as fundamentações teóricas da história.

Como houve uma preconização por parte da corte imperial da época em idealizar um imperador descendente dos deuses mitológicos do Japão, a problemática será investigar a representação do mito de Jinmu para a história e verificar os pontos relevantes que caracterizam os pensamentos identitários do povo japonês no período Nara.

A metodologia adotada foi de pesquisa bibliográfica que permita fazer interpretações do mito de Jinmu, juntamente com o estudo do período Nara (710-794). Além disso, houve também uma pesquisa teórica na área de história, que fundamente a investigação deste estudo de caso, o qual exemplifica a importância do mito para a construção historiográfica de um povo. Vale destacar ainda que a história do imperador mitológico Jinmu será baseada nas versões do *Kojiki* de Philippi (1968) e do *Nihon Shoki* de Aston (1896). Após levantamento bibliográfico, não houve êxito em conseguir as versões originais das duas obras, por esta razão o trabalho será baseado nas versões em inglês supramencionadas. Embora exista outra versão do *Kojiki* traduzida por Chamberlain, publicada em 1919, a análise da narrativa de Jinmu será explorada apenas na versão mais atual de Philippi (1985), tendo em vista que a tradução de Chamberlain ainda se encontra num inglês mais arcaico.

Portanto, as informações presentes neste trabalho visam levar à reflexão dos acontecimentos do passado no Japão e sobre a veracidade dos fatos relatados em obras antigas.

Ao mesmo tempo o leitor poderá verificar a simbologia do imperador Jinmu como arquétipo de guerreiro patriota e unificador da nação japonesa. Dessa forma, a indicação da história mitológica misturada com elementos comuns fará com que sejam demonstrados os pensamentos e os aspectos culturais ainda existentes no período Nara e não no período em que o imperador Jinmu supostamente existiu.

CAPÍTULO 1

MITO E HISTÓRIA

Atualmente, verifica-se a preocupação dos historiadores em trazer o mito para a realidade, ou seja, revelar que os mitos possuem aspectos que condizem com a sociedade real. Entretanto, para a sociedade contemporânea não acadêmica o mito é sinônimo de algo sobrenatural e que não tem valor no campo científico, pois transmite narrações que, se não forem interpretadas e baseadas conforme os métodos historiográficos, acabam por perder o seu valor histórico científico.

Etimologicamente, o termo mito é proveniente do grego *mythos*, o qual foi extraído do verbo “*mytheyo* (contar, narrar, falar alguma coisa para outro) e do verbo *mytheo* (conversar, contar, anunciar, nomear, designar)” (CHAUI, 2005, p.35). Na Grécia antiga, eram os mitos que estabeleciam certas discussões relacionadas a questões sociais, pois os gregos “aprendiam moralidade e conduta, virtudes da nobreza, sobre raça, cultura e até mesmo política” (ROSSI, 2007). Assim os mitos eram fontes de ensinamentos e uma das suas funções era ordenar o convívio social, por isso os mitos exemplificavam as ações humanas e suas influências no contexto social, bem como orientavam a um comportamento ético/moral na vida em sociedade.

Sendo assim, no campo da historiografia, o mito tem um papel preponderante e revelador com relação aos aspectos culturais da época em que foram produzidos. Segundo Rocha (1985, p.12), o mito deve sempre ser interpretado por meio do contexto histórico da sua época, pois há muitas mensagens subliminares que destacam certos atributos socioculturais de uma determinada sociedade. Desse modo, o mito pode tornar-se útil para a construção da história de um povo, pois “não são só os povos ‘primitivos’ que elaboram mitos, a consciência mítica persiste em todos os tempos e culturas como componente indissociável da maneira de compreender a realidade” (ARANHA; MARTINS, 2003, p.72).

Esses mesmos autores entendem também que o mito não se limita apenas aos aspectos religiosos (relação homem e deuses), mas se expande por todas as demais esferas sociais, desde as concepções culturais até as econômicas.

Joseph Campbell realizou uma síntese de como a mitologia vem sendo tratada por diversos pensadores modernos:

A mitologia tem sido interpretada pelo intelecto moderno como um primitivo e desastrado esforço para explicar o mundo da natureza (Frazer); como um produto da fantasia poética das épocas pré-históricas, mal compreendido pelas sucessivas gerações (Müller); como um repositório de instruções alegóricas, destinadas a adaptar o indivíduo ao seu grupo (Durkheim); como sonho grupal, sintomático dos impulsos arquetípicos existentes no interior das camadas profundas da psique humana (Jung); como veículo tradicional das mais profundas percepções metafísicas do homem (Coomaraswamy); e como a Revelação de Deus aos Seus filhos (a Igreja). A mitologia é tudo isso. Os vários julgamentos são determinados pelo ponto de vista dos juízes. Pois, a mitologia, quando submetida a um escrutínio que considere não o que é, mas o modo como funciona, o modo pelo qual serviu à humanidade no passado e pode servir hoje, revela-se tão sensível quanto a própria vida às obsessões e exigências do indivíduo, da raça e da época. (CAMPBELL, 1995, p.192)

Rocha, ao trabalhar aspectos do mito, afirma que ele é “[...] capaz de revelar o pensamento de uma sociedade, a sua concepção da existência e das relações que os homens devem manter entre si e com o mundo que os cerca” (ROCHA, 1985, p.12). Essa última característica do mito torna clara a representação que ele possui para transmitir à sociedade um modelo ideal, isto é, o mito nas sociedades tem o poder de destacar uma crença ou modelo a ser seguido ou acreditado. Assim, mesmo que a narração seja fantasiosa, a mensagem transmitida num mito tem um valor social de fundamental importância para os historiadores, os quais têm o trabalho de buscar informações que revelem o porquê da criação de cada mito e o que cada mito tem de revelador sobre um determinado povo.

Percebe-se que o mito esteve e está presente em diferentes sociedades e em tempos variados, uma vez que são utilizados para a transmissão de algum fim social. Dessa forma:

embora os mitos não sejam estruturas lógicas, conforme afirma Claude Lévi-Strauss, pensador francês contemporâneo, eles se constituem, se desenvolvem e se transformam segundo regras operacionais expressas logicamente. As estruturas míticas são padrões inatos da mente, ou seja, conjunto de disposições com regras próprias. São um sistema simbólico

institucionalizado, bem como uma conduta verbal codificada. (SOUZA, 1995, p.39)

Portanto, o trabalho de interpretação dos mitos exige dos historiadores um levantamento de informações da época em que os mitos foram produzidos, assim como exige uma interpretação intuitiva com relação às crenças daquela época, pois cada sociedade tem características e anseios diferentes e condizentes com um determinado tempo histórico.

Dessa forma, destacar o significado do mito é uma tarefa difícil para muitos pesquisadores, porque

várias foram as tentativas teóricas levadas a efeito na busca de entender o significado do mito. Nesta permanente perseguição no intuito de saber o que é o mito, várias escolas, correntes de pensamento e linhas de pesquisa foram esboçadas em torno dessa pergunta. O mito foi um grande desafio intelectual e ainda se coloca como um fenômeno de difícil apreensão para todos aqueles que se empenharam na sua discussão. (ROCHA, 1985, p.23)

Ao tentar reafirmar o sentido do mito e consagrar sua importância, Eliade o define da seguinte forma:

o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do 'princípio'. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma criação: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a 'ser'. (ELIADE, 2007, p.11)

O mito está longe de ser apenas uma história inventada, sem propósito e sem vigor social ou apenas uma arte literária. Ele está vinculado às questões sociais sobre entendimento dos fatos, das crenças ou das convicções de algo que não há explicação. Assim, as pesquisas dos mitos levam aos entendimentos dos fatos que não eram compreendidos, passando a ser vigorados por meio de uma narração fictícia que pode servir como fundamentação histórica para a compreensão do inimaginável ou do irreal e não comprovado. Os mitos se transformam em fatores de elevado valor historiográfico, pois suas interpretações indicam componentes da sociedade a que pertencem, bem como transmitem os valores morais dentro do aspecto religioso ou político.

Contudo, esse aspecto subjetivo do mito dentro da ciência da história era refutado pelos positivistas, os quais valorizavam o caráter científico dos fatos. Assim, o mito se aproximaria mais do campo filosófico do que da história, tendo em vista que aquela se utiliza de mecanismos subjetivos, enquanto a última tende a ser mais objetiva quanto aos relatos dos fatos. No positivismo:

a história científica, portanto, seria produzida por um sujeito que se neutraliza enquanto sujeito para fazer aparecer o seu objeto. Ele evitará a construção de hipóteses, procurará manter a neutralidade axiológica e epistemológica, isto é, não julgará e não problematizará o real. Os fatos falam por si e o que pensa o historiador a seu respeito é irrelevante. (REIS, 2006, p.18)

Ainda segundo Reis, essa forma engessada dos relatos históricos, que era defendida pelo historiador alemão Leopold von Ranke, considerado o pai da história científica, foi recusada pelo filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel, um pensador idealista, que formalizou um estudo da filosofia da história em que “mostrava o caráter incontornavelmente subjetivista da história científica” (*idem*, 2006, p.11). Assim, Hegel afirmava que a construção da história seria, sim, refletida, analisada e criticada, bem como contaria “com certo número de ciências auxiliares: epigrafia, paleografia, diplomática, filologia, história literária, arqueologia...” (*idem*, 2006, p.23).

Dessa forma, com o passar do tempo e com a evolução da escola positivista houve um novo tipo de mito, caracterizando-o como o mito do cientificismo, ou seja:

a ciência não é a única interpretação válida do real nem é suficiente, já que o mito é uma forma fundamental do viver humano. O mito é o ponto de partida para a compreensão do ser. Em outras palavras, tudo o que pensamos e queremos se situa inicialmente no horizonte da imaginação, nos pressupostos míticos, cujo sentido existencial serve de base para todo trabalho posterior da razão. (ARANHA; MARTINS, 2003, p.75)

O mito confronta a lógica e a razão, uma vez que estes dois últimos termos significam “pensar e falar ordenadamente, com medida e proporção, com clareza e de modo compreensível para outros” (CHAUÍ, 2005, p.62). Essa oposição entre mito e razão “defrontam e confrontam-se já na mais distante antiguidade, contrapolar da atualidade, quando se observa a luta pela inteligibilidade na oposição da filosofia à mitologia” (SOUSA, 1981, p.64).

Embora haja essa divergência no campo filosófico, entre mito e razão, é na história que se verifica um maior confronto entre a mitologia e os aspectos históricos, pois:

o mito é uma narração das origens, que se [*sic*] acontece num tempo primordial, um tempo diverso do que aquele da realidade quotidiana; a história, ao contrário, é uma narração de eventos recentes, que pode ser estendida progressivamente para trás até incluir eventos de um passado mais remoto, mas que permanecem, contudo, eventos situados em um tempo totalmente humano. (RICOUER, SI, p.SI)

Como o mito é considerado uma fonte para a produção da história, os discursos adotados pelos historiadores para a interpretação dos mitos revelam que essas narrativas do passado são importantes para a compreensão do presente de um povo.

Por oportuno, vale destacar que o cerne deste trabalho será a análise investigativa do mito do imperador Jinmu narrado no *Kojiki* (Anais das Coisas Antigas) e no *Nihon Shoki* (Crônicas do Japão), que são duas obras literárias de fundamental importância para a história antiga do Japão.

Segundo Moisés, quando o historiador analisa um texto ou uma obra literária, sendo mito ou não, ele poderá trabalhar em cima de duas funções, a saber:

- 1) quando se preocupa acima de tudo com os fatos, a biografia dos escritores e das obras, a fortuna dos textos, os nexos destes com a conjuntura cultural em que foram produzidos, está fazendo a historiografia externa;
- 2) quando lhe importa especialmente o conteúdo das obras, examinando-as do prisma das ideias, pensamentos e sentimentos (temas, clichês, motivos, mundividências, etc.) que perduram no fio do tempo, está realizando historiografia interna. (MOISÉS, 2002, p.16)

Assim, a análise do mito do imperador Jinmu se baseará numa *historiografia externa* em que o contexto social do período Nara (momento em que o *Kojiki* e o *Nihon Shoki* foram compilados) será aprofundado para serem identificados os pontos em que levaram à criação desse mito e como ele é utilizado pelos historiadores.

Isto é, transpor o mito do imperador Jinmu para a história, racionalizar o mito de Jinmu, pois dele pode-se retirar fatos que caracterizam as crenças, as tradições, bem como restabelece certas características sociais da sociedade japonesa, assim como da classe

dominante que muitas das vezes está por trás das verdadeiras intenções das transmissões históricas.

Em suma, acredita-se que as implicações que o mito faz nos conteúdos históricos acabam por validar os pensamentos de uma sociedade e o modo de vida social da época. Por isso, não há que se colocar uma barreira entre o mito e o campo historiográfico, uma vez que, mesmo a história sendo uma ciência que estuda os fatos históricos, o mito também é considerado um objeto de estudo desta ciência, não podendo ser ignorado no campo científico.

CAPÍTULO 2

O KOJIKI E O NIHON SHOKI NO PERÍODO NARA

O *Kojiki* (Anais das Coisas Antigas) e o *Nihon Shoki* (Crônicas do Japão) são duas obras que preservaram a história da sociedade japonesa da antiguidade ao registrar dados que nos fornecem um melhor entendimento sobre o pensamento japonês ainda presente entre o final do século VII e início do século VIII, já no período Nara (710-794), quando as obras em análise foram editadas. Cabe salientar ainda que, no momento histórico em que essas obras foram compiladas, houve várias mudanças políticas e sociais no Japão sob influência da China.

Segundo Brown (1993, p.108-162), entre os séculos VI e VII, antes do Período Nara, ocorreram disputas dos clãs pelo poder, ocasionando várias modificações políticas e sociais. Houve também o regresso dos emissários japoneses que estavam na China, os quais trouxeram para o Japão conhecimentos adquiridos da cultura e da política chinesa. Dessa forma causaram a extinção do antigo regime *Uji-kabane*¹, que era o controle administrativo adotado pela corte de Yamato sob o domínio dos Soga; mas com o golpe de 645 e com a ascensão ao poder do imperador Kôtoku, há a adoção de um novo regime, o *Ritsuryô*², parecido com o vigente na China da dinastia Tang.

Brown (1993, p.231-2) informa também que, com o novo imperador Kôtoku, houve a Grande Reforma, a qual aboliu o sistema de propriedade, dividiu o território em 60 províncias, distribuiu as terras cultiváveis para todos e estipulou tributos e demais obrigações para os lavradores, bem como inseriu a obrigatoriedade do serviço militar. Em 701 foi promulgado o Código *Taihô*, que veio a complementar a reforma de *Taika*, instituindo um novo regime

¹ *The entire social order was becoming stratified and segmented by (1) lineal groups or clans (uji) that dominated the lands and people of entire regions, (2) occupational groups (be) that served clan chieftains and the kingdom's rulers by performing services and manufacturing tools and weapons, (3) royal estates (miyake) that handed over a large portion of what they produced to the current Yamato king or queen, and (4) provinces (kuni) and districts (agata) that served as arms of Yamato control. The leaders of all these groups held hereditary ranks (kurai) and titles (kabane) that were marks of status determined by proximity to the Yamato ruler. (BROWN, 1993, p.28).*

² *The Ritsuryô system, which was adopted in imitation of T'ang China, consisted of three components – the hereditary ruling authorities, the central administrative machinery, and the provincial officials (kokushi) who were appointed by the central government. This in effect confirmed the country's social stratification which had been in force since the sixth and seventh centuries. Under the Ritsuryô system the aristocratic ruling class lived by means of a tax on farmers. (KATO, 2002, p.29)*

político-administrativo, chamado *Ritsuryô*. Neste contexto, foi planejada a primeira capital “permanente”, conhecida como Nara. Esta capital teve milhares de habitantes e seus traços arquitetônicos imitaram o estilo arquitetônico da China.

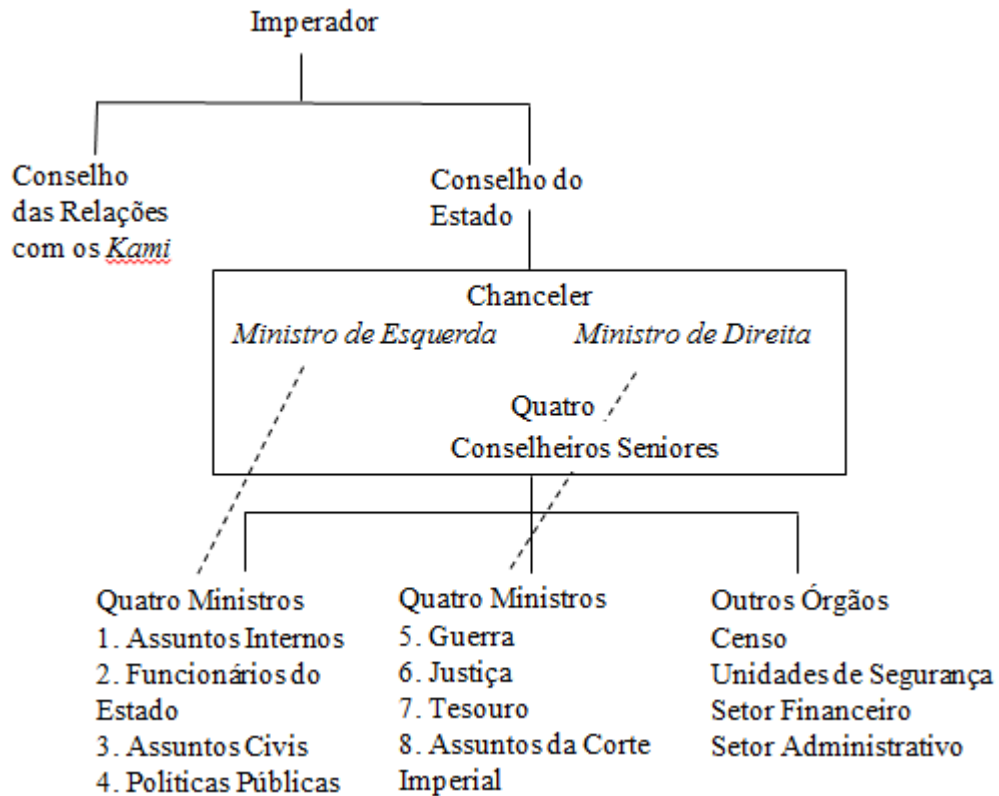
Nessa fase, Suzuki (1985, p.55-6) menciona que intensificaram ainda mais as relações bilaterais entre Japão e China, pois são enviados diplomatas japoneses para a China, assim como a China funda embaixadas no Japão, estreitando os laços entre os dois países. Com essas interações culturais, há um desenvolvimento cultural especialmente na região de Nara.

Mason e Caiger (1984, p.21-3) indicam ainda que durante o império de Tang (618-907), na China, intensifica o desenvolvimento do comércio exterior deste país com o Japão. Além disso, devido às relações entre o Japão e a China ocorreram a inserção do ensinamento do Budismo no Japão. Essa religião se tornou a religião do Estado para os nipônicos, influenciando no estilo de arquitetura, escultura e outros tipos de artes que os japoneses criavam naquela época. O Budismo exerceu forte influência no território japonês durante o período Nara. Embora naquele período já existisse a tradição oral no Japão que contemplava a origem do mundo, foi por meio do estudo do Budismo que os japoneses começaram a refletir sobre a natureza do universo de maneira mais concreta após os registros oficiais desses mitos. Por essa razão, vale destacar que a inserção do Budismo no Japão teve posteriormente alguns entraves devido a algumas tradições religiosas na corte imperial e em algumas comunidades locais, sendo posteriormente organizadas sob a forma de Xintoísmo e:

após a tensão inicial provocada pelo aparecimento do budismo no Japão, ele estabeleceu-se, mantendo uma relação pacífica e complementar com os cultos indígenas. O xintoísmo não competia com o budismo em profundidade filosófica, textos elaborados ou imaginação artística, mas a devoção aos *kami* estava demasiado enraizada para ser facilmente abandonada. (COLLCUTT; JANSEN; KUMAKURA, 1998, p.58)

Percebe-se que os chineses foram influentes na evolução cultural do Japão, assim como influenciou novas formas político-administrativas que permaneceram em vigor durante muito tempo do período Nara. A estruturação político-administrativa do Japão era dividida da seguinte forma:

Imagem 1: Estruturação político-administrativa do Japão no período Nara.



Fonte: BROWN, 1993, p.223

Percebe-se que, neste momento, há uma centralização política no período Nara e uma preocupação da corte imperial de assumir um controle maior da sua população, assim como era feito na capital chinesa Tang. Por exemplo, o serviço censitário já era uma forma das autoridades saberem a densidade demográfica de Nara e das demais províncias do território japonês, a fim de verificar mais de perto o número de habitantes, justamente para a coleta e cobrança dos tributos e dos serviços prestados pelo povo.

Enfim, devido a todas essas mudanças em Nara, aumentou o interesse político em registrar fatos do Japão, momento em que foram compilados o *Kojiki* e o *Nihon Shoki*, na primeira metade do século VIII. Mas vale destacar que anterior e concomitantemente à compilação dessas obras já estavam sendo produzidos editos e códigos estipulados pela corte imperial.

Como não havia no Japão, até aquele momento histórico, um sistema próprio de escrita, com a grande influência dos chineses no território japonês, houve o aprendizado da língua chinesa pela elite japonesa, que começou a escrever alguns textos no Japão em chinês, conhecidos atualmente como *kanbun*.

Com o tempo, os textos em chinês (*kanbun*) produzidos dentro e fora do Japão passam a ser traduzidos pelos letrados da época, em um estilo próprio denominado *kanbunkundoku*, literalmente ‘leitura de textos chineses em japonês’. Os ideogramas anteriormente usados apenas em *kanbun* passam a ser empregados em textos sintaticamente japoneses. Essa passagem, porém, não é uniforme. Além da adaptação fonética de ideogramas a nomes próprios, os ideogramas são adaptados a vocábulos japoneses aproveitando-se apenas sua leitura e ignorando seu componente semântico. (SUZUKI, 1985, p.56)

Assim, as primeiras obras do Japão que nos foram legadas até os dias de hoje foram escritas com forte influência da escrita chinesa, mas há algumas diferenças entre o *Kojiki* e o *Nihon Shoki* quanto à estrutura e a forma de escrita na época em que foram compilados.

2.1 *Kojiki*

O *Kojiki*, obra compilada por Ôno Yasumaro por ordem da imperatriz Genmei, foi finalizado em 712. Verifica-se que os fatos presentes nessa obra eram considerados verdadeiros pela sociedade japonesa daquela época, uma vez que a compilação deste registro histórico-mitológico nasceu da “necessidade do estado japonês de registrar a sua própria história, além de unificar os mitos ligados aos diversos clãs em que era formado o Japão antes do advento de um governo centralizado, em uma mitologia única, que representasse e destacasse o clã que originou este estado” (MIETO, 1993, p.110). Por essa razão, destaca-se a predominância dos aspectos mitológicos e folclóricos em quase todos os relatos históricos dessa obra, além de ser uma fonte riquíssima de poemas e cânticos dos povos antigos do Japão, pois naquela época o território japonês era constituído de vários clãs semi-autônomos.

Vale destacar que, segundo Philippi (1985, p.27), o *Kojiki* foi escrito com caracteres chineses, mas houve uma preocupação em preservar as histórias relatadas oralmente seguindo a fonética japonesa. Por esse motivo, o *Kojiki* utiliza dois estilos de narrativa: o primeiro se caracteriza pelo *kanbun* e o segundo estilo é o *man'yôgana*, que se refere ao próprio estilo japonês de utilizar os ideogramas chineses apenas para representar a fonética japonesa, sem

levar em consideração o sentido do *Kanji*. Os contos e os cânticos populares foram registrados de acordo com a tradição oral, preservando o próprio estilo japonês.

As fontes que serviram de base para a confecção do *Kojiki*, bem como os documentos que forneceram dados genealógicos e outros que serviram de fonte para anedotas sobre o Japão antigo são:

A – As fontes genealógicas:

Sumera-mikôtô no pi-tugi (Linhagem do Império do Sol);

Teiki (Crônicas Imperiais);

Senki (Crônicas do Passado).

B – As fontes historiográficas:

Saki-nô-yô nô puru-gôtô, also read Sendai Kuji (Relatos da Idade Antiga);

Honji (Relatos da Origem);

Kuji (Relatos da Antiguidade).³ (PHILIPPI, 1985, p.09)

Essa obra ganhou grande importância no cenário cultural do Japão, pois seu formato não seguiu totalmente o modelo chinês, já que os cânticos e os poemas preservaram o formato próprio das narrativas orais do Japão. Segundo Mason e Caiger (1984, p.204), o *Kojiki* teve bastante importância também durante o desenvolvimento da escola *Kokugaku* (estudos nacionais) no Período Tokugawa (1600-1867), momento em que valorizaram o *Kojiki* como a obra que teve menos influência chinesa durante sua elaboração, cuja tentativa de preservar o espírito do povo japonês foi maior em comparação com o *Nihon Shoki*. Além disso, consoante a informações de British Broadcasting Corporation - BBC, o *Kojiki* é reverenciado pelos adeptos da religião xintoísta, que encontram nessa obra vários tipos de rituais que são utilizados até hoje em cerimônias dessa religião.

O *Kojiki* é dividido em três tomos: o primeiro tomo narra a criação do mundo, especialmente, a criação do Japão, explicando a origem dos deuses e suas subsequentes

³ A – *The genealogical source document: Sumera-mikôtô no pi-tugi (Imperial Sun-Lineage); Teiki (Imperial Chronicles); Senki (Former Chronicles)*. B – *The anecdotal source document: Saki-nô-yô nô puru-gôtô, also read Sendai Kuji (Ancient Dicta of Former Ages); Honji (Fundamental Dicta); Kuji (Ancient Dicta)*. (PHILIPPI, 1985, p.09)

gerações até chegar ao primeiro imperador mitológico, Jinmu (que teria reinado de 660 a.C até 585 a.C). O segundo tomo se inicia com a formação de Yamato (nome antigo do Japão) por meio do primeiro imperador Jinmu, e prossegue com as sucessões imperiais até a imperatriz Jingû (169 d.C a 269 d.C), relatando as relações diplomáticas que começaram a surgir entre o Japão-China. Já o terceiro tomo começa com o Imperador Nintoku (que reinou de 313 d.C até 399 d.C), esclarecendo como foi feita a consolidação final do poder absoluto do imperador, estendendo até o final do reinado da imperatriz Suiko (que reinou de 593 d.C até 628 d.C). Dessa forma, o *Kojiki* alcançou seu objetivo primordial, que era legitimar o *status quo* da corte imperial.

2.2 *Nihon Shoki*

Por outro lado, o *Nihon Shoki* (ou *Nihongi*) é o segundo livro mais antigo do Japão. Segundo Aston (1972, p.48-9), essa obra começou a ser escrita em 681 (durante o reinado do imperador Tenmu) e somente foi concluído em 720, isto é, levou 39 anos para ser concluído. A compilação do *Nihon Shoki* foi encabeçada pelo príncipe Tôneri, por ordem do imperador Tenmu. Essa obra apresentou 30 volumes da história do Japão e, conforme dados obtidos do comentário do Prof. Brown da Universidade da Califórnia em Berkeley (2006), na época de sua publicação, houve também um volume extra sobre a genealogia dos imperadores, porém este se perdeu com o tempo, restando apenas os 30 volumes que formam a atual obra.

Ainda consoante às ideias destacadas por Brown (2006) e Aston (1972, p.11), cabe mencionar que, diferentemente do *Kojiki*, o *Nihon Shoki* seguiu o estilo narrativo de crônicas chinesas, bem como foi escrito completamente em chinês clássico, já que era o padrão, naquela época, os documentos oficiais do Japão serem escritos em chinês. Por haver muitas citações de obras chinesas e coreanas inseridas no *Nihon Shoki*, historiadores indicam que houve a participação de muitos *kika-jin* (intelectuais estrangeiros naturalizados no Japão) durante o processo de edição dessa obra literária. Já um fato semelhante ao *Kojiki* é que o *Nihon Shoki* foi também baseado em documentos antigos, especificamente nos registros que foram continuamente mantidos na corte de Yamato desde o século VI. No entanto, verifica-se que os autores do *Nihon Shoki* também tinham conhecimentos das informações contidas no

Kojiki, pois houve apenas 8 anos de diferença entre a edição de cada uma dessas duas obras literárias.

Com relação à estrutura do *Nihon Shoki*, a obra se divide da seguinte forma: os dois primeiros capítulos destinam-se ao relato da mitologia japonesa, destacando a origem do mundo e dos deuses. Já no capítulo 3 até o capítulo 30 abordam-se as histórias dos imperadores e os eventos que aconteceram durante o reinado de cada um deles, conforme lista abaixo:

CAPÍTULO 1: Primeiro capítulo dos mitos

CAPÍTULO 2: Segundo capítulo dos mitos

CAPÍTULO 3: Imperador Jimmu

CAPÍTULO 04: Imperador Suizei, Imperador Annei, Imperador Itoku, Imperador Kosho, Imperador Koan, Imperador Korei, Imperador Kogen e Imperador Kaika

CAPÍTULO 05: Imperador Sujin

CAPÍTULO 06: Imperador Suinin

CAPÍTULO 07: Imperador Keiko e Imperador Seimu

CAPÍTULO 08: Imperador Chuai

CAPÍTULO 09: Imperatriz Regente Jingu

CAPÍTULO 10: Imperador Ojin

CAPÍTULO 11: Imperador Nintoku

CAPÍTULO 12: Imperador Richu e Imperador Hanzei

CAPÍTULO 13: Imperador Ingyo e Imperador Anko

CAPÍTULO 14: Imperador Yūryaku

CAPÍTULO 15: Imperador Seinei, Imperador Kenzo e Imperador Ninken

CAPÍTULO 16: Imperador Buretsu

CAPÍTULO 17: Imperador Keitai

CAPÍTULO 18: Imperador Ankan e Imperador Senka

CAPÍTULO 19: Imperador Kimmei

CAPÍTULO 20: Imperador Bidatsu

CAPÍTULO 21: Imperador Yomei e Imperador Sushun

CAPÍTULO 22: Imperatriz Suiko

CAPÍTULO 23: Imperador Jomei

CAPÍTULO 24: Imperador Kogyoku

CAPÍTULO 25: Imperador Kotoku

CAPÍTULO 26: Imperatriz Saimei

CAPÍTULO 27: Imperador Tenji

CAPÍTULO 28: Imperador Temmu, 1ª parte

CAPÍTULO 29: Imperador Temmu, 2ª parte

CAPÍTULO 30: Imperatriz Jito

(ASTON, 1972, p.4-5-Volume I e p.1-Volume II)

Assim, há a história cronológica dos 41 Imperadores, incluindo 4 mulheres, uma vez que na antiguidade japonesa não havia preocupação quanto à participação feminina no poder. O lado patriarcal que ainda é visível no pensamento japonês da era contemporânea, foi reforçado à medida que se aprofundaram as relações com a China, a qual mantinha um sistema bastante patriarcal de poder e que o Japão acabou adotando posteriormente.

Por fim, o *Nihon Shoki* também alcançou seu objetivo e até os dias de hoje é uma fonte para os historiadores trabalharem no âmbito da História Antiga do povo japonês.

A respeito da parte mitológica fornecida pelo *Nihon Shoki*, conforme apresentado por Kato (1979, p.38-49), nota-se uma forte semelhança com o *Kojiki*, apesar de haver algumas discrepâncias entre elas. No entanto, a divisão dos mitos de criação do Japão e dos *kami* de ambas as obras são as mesmas, possuindo três ciclos:

1º Ciclo: corresponde a Takamagahara (o alto plano do céu), local em que posteriormente Izanami e Izanagi criaram a Terra;

2º Ciclo: é o ciclo de Izumo (a terra onde Suzanoo desce do alto plano do céu); e

3º Ciclo: refere-se ao ciclo de Kyushu, que é a terra onde Ninigi, neto da deusa do sol, desce para estabelecer suas regras sobre o Japão. (PHILIPPI, 1985, p.14)

Desse último ciclo começaram a surgir vários descendentes semi-humanos. Posteriormente, o neto de Ninigi, chamado Kami Yamato Ihare-biko, ascendeu ao poder do Japão no ano de 660 a.C, tornando-se o primeiro Imperador, Jinmu. Desse fato começam as sucessões imperiais na corte japonesa.

Sabe-se que, no Japão, diversos imperadores, eruditos, cortesãos e historiadores encontraram nesses livros conhecimentos e orientações sobre a sociedade japonesa. Ou seja, o conhecimento existente atualmente sobre a antiguidade japonesa, além dos achados arqueológicos, objetos de arte, entre outros, provém das antigas obras, em especial do *Kojiki* e do *Ninhon Shoki*, os quais foram elaborados com um forte objetivo de registrar a história e as crenças populares japonesas sobre o processo de constituição do Japão e de seu povo. Portanto, remontam à antiguidade japonesa, trazendo o folclore, os aspectos religiosos, a formação histórica das capitais japonesas etc. Hoje, a influência do *Kojiki* e do *Ninhon Shoki* na vasta literatura japonesa é imensa, pois muitas obras literárias ou históricas que falam sobre a história primitiva do Japão utilizam essas obras como fontes históricas.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIA DO IMPERADOR JINMU

A história do Imperador Jinmu se inicia no II tomo do livro do *Kojiki* referente à “Era dos Homens” e, no *Nihon Shoki*, corresponde ao livro III ou 3º capítulo. De acordo com essas duas obras, Jinmu foi o primeiro imperador do Japão e ele é considerado o marco divisório entre a “Era dos *Kami*” e a “Era dos Homens”, ou seja, a história do imperador Jinmu caracteriza a ruptura entre o mundo mitológico e o início das sucessões imperiais.

A seguir será feito um breve resumo da história do imperador Jinmu narrada no *Kojiki* e no *Nihon Shoki*, bem como será feita uma análise comparativa sobre essas duas versões existentes.

3.1 História do imperador Jinmu no *Kojiki*

A história do imperador Jinmu é desenvolvida em 11 partes na versão de Chamberlain (1919) e em 9 capítulos na versão de Philippi (1985). Como a versão que obtive da tradução de Chamberlain utiliza muitos termos em inglês antigo, o resumo a seguir será baseado na versão mais atual de Philippi (1985).

O capítulo 47 narra a parte em que o imperador Kamu-Yamato-Ipare-Biko-No-Mikoto, conhecido como Jinmu, decide sair junto com o seu irmão mais velho do palácio em que vivia e vai ao lado leste do território japonês a fim de constituir um reinado no arquipélago nipônico. Antes de chegar ao seu destino final, Jinmu encontrou vários clãs em seu caminho e, por isso, habitou durante alguns anos em Tsukushi, Aki e Kibi. Mas, ao subir para o norte do Japão, ele encontrou no meio do seu percurso Sawo-ne-tu-Piko, que aceita tornar-se seu criado.

No capítulo 48, há a história sobre a batalha entre os que apoiavam o irmão mais velho de Jinmu, chamado Itsu-se-no-Mikoto, e o exército de Naga-sune-Biko. Durante essa batalha,

Itsu-se-no Mikôtô foi atingido por uma flecha e morre, deixando Jinmu sem a companhia de seu irmão mais velho.

Já o capítulo 49 conta o momento em que a tropa do imperador Jinmu e sua tropa dormem um sono profundo no vilarejo de Kumano. Contudo, Jinmu recebe no seu sonho uma mensagem das divindades, momento em que ele é presenteado com uma espada que o ajudará nos momentos de apuro.

O capítulo 50 retrata o momento em que Jinmu é presenteado novamente pelas divindades com um corvo gigante que o guiará durante o percurso entre Kumano e Yamato. As divindades que ajudavam o imperador Jinmu alegavam que o caminho que ele e sua tropa estavam tomando era muito perigoso e repleto de divindades do mal, e por isso o corvo os ajudaria a passar por esse lugar sem correr riscos. Quando eles estavam chegando próximo ao rio Yeshino eles notaram várias divindades terrestres, ou seja, homens que possuíam cauda. Eles estavam trabalhando, mas mesmo assim pararam o que estavam fazendo e foram cumprimentar Jinmu.

No capítulo 51, Jinmu envia o seu corvo gigante ao povo de Uda para perguntar aos dois irmãos (Ye-ukashi e Oto-ukashi) que estão no poder se eles poderão receber o imperador Jinmu e sua tropa. O irmão mais velho, Ye-ukashi, diz que aceitaria e receberia muito bem o imperador Jinmu e sua tropa, porém seu irmão mais novo, Oto-ukashi, percebe que seu irmão está mentindo, ao notar que ele está reunindo sua tropa e preparando uma armadilha para destruir a tropa de Jinmu. Assim, o irmão mais novo, Oto-ukashi, vai em direção a Jinmu antes de ele chegar a Uda e lhe conta toda a armação de seu irmão mais velho. Os generais de Jinmu obrigam Ye-Ukasi a entrar no hall onde ele morre na própria armadilha que havia preparado para os visitantes.

No capítulo 52, quando Jinmu chega a Osaka, havia oitenta homens fortes com cauda e Jinmu decide matá-los. Então, manda preparar um banquete para esses homens de cauda que seriam servidos pelos oitenta homens de sua tropa convocados e preparados para, após ouvirem o sinal, empunhar suas espadas e golpear os homens de cauda para matá-los.

Já no capítulo 53, o imperador Jinmu se casa com a princesa Ahira-Pime. Mais tarde ele toma conhecimento da existência de uma mulher, chamada Isuke-Yôri-Pime, a qual era descendente direta de uma divindade.

No capítulo 54, Jinmu conquista o amor de Isuke-Yôri-Pime e casa-se com ela. Ela concebe três filhos com Jinmu.

No capítulo 55, após a morte de Jinmu, seu meio-irmão mais velho, Tagisi-Mimi-no-Mikoto, toma Isuke-Yôri-Pime como esposa e planeja matar os três filhos de Jinmu, mas um dos filhos de Jinmu mata-o primeiro. Neste capítulo também se mostra a árvore genealógica do imperador Jinmu, assim como informa que ele viveu 137 anos.

3.2 História do imperador Jinmu no *Nihon Shoki*

No *Nihon Shoki* a história do imperador Jinmu é narrada por meio de uma sequência cronológica dos fatos. Toda a história de Jinmu é desenvolvida num único capítulo, desde seu nascimento até a morte, conforme consta na versão de Aston (1972).

O capítulo III do *Nihon Shoki* inicia a narrativa do imperador Jinmu, destacando seu nome verdadeiro, Kami Yamato Ihare-biko, e informa que era o quarto filho de Hiko-nagisakeu-gaya-fuki-ahezu no Mikoto e sua mãe se chamava Tamayori-hime, filha do deus do mar. Além disso, fala sobre seu nascimento em que ele, desde criança, já demonstrava bastante inteligência e determinação.

Com quinze anos de idade ele herdou o trono de imperador e, conforme, notas explicativas de Aston (1972), no Japão daquela época o primogênito não era reconhecido como o sucessor ao trono.

Quando atingiu uma idade mais adulta, Jinmu se casou com Ahira-tu-hime, no distrito de Ata, província de Hiuga, e com ela teve dois filhos.

Aos quarenta e cinco anos de idade, ele diz para seus irmãos e seus filhos que recebeu uma mensagem das divindades, informando que precisará avançar ao lado leste, para aumentar seu poder imperial.

Foi no ano 667 a.C que ele organizou sua tropa e iniciou sua expedição para o leste. No caminho, Jinmu encontrou um servo que, por meio dos avisos das divindades, lhe perguntou se ele gostaria de servir como guia para sua tropa. Logo o servo aceitou o pedido. Então, todos seguiram viagem e passaram por diversas províncias.

Passados alguns anos, chegaram à província de Kusaka, onde enfrentaram uma batalha. Nela, o irmão de Jinmu, Itsuse-no-Miko foi atingido por uma flecha no cotovelo e, passados alguns dias, a dor aumenta e ele morre.

Após alguns meses, quando a tropa ainda estava seguindo para o leste, foi surpreendido com um vapor venenoso enviado pelas divindades, que afetou a todos, causando sonolência, inclusive o imperador Jinmu, que dormiu profundamente. Neste sono, o imperador recebeu uma espada das divindades. Numa noite, quando estavam quase perdidos e sem direção, eles foram presenteados novamente pelas divindades com um corvo gigante que serviu de guia para a tropa de Jinmu.

Aproximadamente três meses depois, quando a tropa de Jinmu chegou ao distrito de Uda, chefiada pelos irmãos Ukeshi o mais velho e Ukeshi o mais novo, Jinmu foi recebido apenas por Ukeshi o mais novo. Este revelou para Jinmu que o seu irmão mais velho estava resistindo à recepção e informou que o mesmo estava planejando uma emboscada para a tropa de Jinmu. Ao saber disso, Jinmu e sua tropa mataram Ukeshi o mais velho. Depois desse fato, Ukeshi o mais novo prepararam um banquete e festejaram juntamente com a tropa de Jinmu.

Depois desse evento, Jinmu e sua tropa se retiraram para vistoriar outros clãs e chegam a Yoshino, onde encontram três homens de cauda que estavam trabalhando perto de Uda. Como Jinmu percebeu que eles eram provenientes dos deuses não fez nenhum mal a eles.

Num sonho, as divindades falam a Jinmu para ele tomar as terras que vai desde Monte Kagu até a terra dos oitenta homens do mal. Dessa forma, Jinmu ofereceu um sacrifício às divindades e prosseguiu para a execução dos oitenta homens.

Após esse fato, Ukeshi (o mais novo) falou para Jinmu que há dois vilarejos, Shiki e Taka-ohari, cada um com oitenta homens contrários à expedição do imperador Jinmu. Assim, Jinmu e sua tropa se prepararam para entrar em batalha com os oitenta homens de Taka-ohari. Após matá-los, a tropa comemorou e agradeceu às divindades pela ajuda, realizando um grande festival.

Para matar os oitenta homens de Shiki, o imperador preparou um grande banquete e os chamou para o evento, no qual Jinmu e suas tropas aniquilaram os oitenta homens de Shiki.

Posteriormente a esses eventos, Jinmu sempre lembrava a morte do seu irmão e por isso desejava a morte de todos que cruzavam o seu caminho de maneira perversa. Dessa forma, houve várias batalhas em vários vilarejos por que eles passavam, pois Jinmu acreditava

ser o enviado pelas divindades para proclamar a paz no território japonês, bem como dominar todo o arquipélago. E assim dominou Nihiki, Hofuri, Wi-Hofure, Tsuchi-gumo até chegar a Monte Kagu.

Logo após a finalização dessas conquistas, Jinmu alegou que já se passaram 6 anos desde o início da sua expedição e que por onde eles passaram, estabeleceram a paz, eliminando o mal do território japonês. Dessa forma, Jinmu alcançou o seu objetivo e conquistou o território japonês.

Após algum tempo, Jinmu se casou novamente, desta vez com Hime-tatara-i-suzu-hime no Mikoto. Essa mulher era diferente da primeira esposa de Jinmu, pois ela já era proveniente de uma família nobre.

Vários companheiros do exército de Jinmu foram recompensados, inclusive o corvo gigante que ganhou uma casa para habitar.

A narrativa de Jinmu finaliza com a sua morte aos 127 anos de idade.

3.3 Comparação das narrativas

Por meio desses dois resumos, percebe-se que a história do imperador Jinmu tanto no *Kojiki* como no *Nihon Shoki* possuem os mesmos episódios, porém a forma de narração de cada uma é diferente.

Já no início das duas narrativas e, conforme o resumo descrito acima, nota-se que o *Kojiki* não se preocupou em narrar os fatos desde o nascimento do imperador Jinmu, ao contrário do *Nihon Shoki* que teve essa preocupação. A seguir pode-se ver o início das duas narrativas:

<i>Kojiki</i>	<i>Nihon Shoki</i>
<i>Kamu-Yamato-Ipare-Biko-No-Mikoto, dwelling with his elder brother Itu-Se-No-Mikoto in the palace of Taka-Ti-Po, consulted him and</i>	<i>The Emperor Kami Yamato Ihare-biko's personal name was Hiko-hoho-demi. He was the fourth child of Hiko-nagisa-takeu-gaya-fuki-</i>

<p>said:</p> <p><i>Where (would it be best) to dwell in order to carry on the government of the kingdom peacefully? I am thinking of going eastward. (PHILIPPI, 1985, p.163)</i></p>	<p><i>ahezu no Mikoto. His mother name was Tamayori-hime, daughter of the Sea-God. From his birth, this Emperor was of clear intelligence and resolute will. (ASTON, 1972, p.109)</i></p>
--	---

Pode ser visto na exemplificação acima que a narração contida no *Nihon Shoki* faz uma breve referência à personalidade e subjetividade dos personagens, uma vez que em vários trechos da narrativa do imperador Jinmu há a notificação do estado emocional dos indivíduos da história, destacando a vontade, o desejo, a ira, a determinação etc, como na sentença: “*this Emperor was of clear intelligence and resolute will*” (ASTON, 1972, p.109). Ao contrário, o *Kojiki* não abrange tanto os aspectos emocionais e às vezes não dispõe nenhuma informação sobre as características dos personagens.

A história narrada no *Kojiki* é mais objetiva e relata os fatos sem se preocupar com a ligação dos acontecimentos, pois os eventos são narrados de uma forma que não evidenciam os motivos e nem as causas dos fatos. Por outro lado, o *Nihon Shoki* tenta efetivar uma sequência cronológica ao seguir uma narrativa sem cortes. Além disso, a história do imperador Jinmu no *Nihon Shoki* é acrescentada com vários pontos e detalhes significativos que não são encontrados na versão narrada no *Kojiki*. Por exemplo, no quadro comparativo abaixo, verifica-se que o *Nihon Shoki* é mais prolixo na narrativa, rico em detalhes:

<i>Kojiki</i>	<i>Nihon Shoki</i>
<p><i>Then, while fighting with Tomi-Biko, Itu-Se-No-Mikoto received a deep wound in his hand from Tomi-Biko’s arrow.</i></p> <p><i>Then (Itu-Se-No-Mikoto) said:</i></p> <p><i>It is not right for me, the child of the sun-deity, to fight facing the Sun. This is why I have been wounded by such a lowly wretch. Now let us go around to where the sun will be at our backs and attack. (PHILIPPI, 1985, p.165)</i></p>	<p><i>A battle was engaged, and Itsuse no Mikoto was hit by a random arrow on the elbow. The imperial forces were unable to advance against the enemy. The Emperor was vexed, and revolved in his inmost heart a divine plan, saying:</i></p> <p><i>I am the descendant of the Sun-Goddess, and if I proceed against the Sun to attack the enemy, I shall act contrary to the way of Heaven. Better to retreat and make a show of weakness. Then sacrificing to the Gods of</i></p>

	<p><i>Heaven and Earth, and bringing on our backs the might of the Sun-Goddess, let us follow her rays and trample them down. If we do so, the enemy will assuredly be routed of themselves, and we shall not stain our swords with blood.</i></p> <p>(ASTON, 1972, p.113)</p>
--	--

Com relação à questão temporal, constata-se que, na versão do *Kojiki*, não há nenhuma informação com relação às datas, porém encontra-se a duração do tempo decorrido num determinado lugar, como “...dwelt for one year” (PHILIPPI, 1985, p.164). Já no *Nihon Shoki* indicam-se muitas das vezes a estação do ano, o ano, o mês e o dia em que determinado fato ocorreu, por exemplo, “*The year Tsuchi no to Hitsuji, Spring, 2nd month, 20th day*” (ASTON, 1972, p.129). Segundo Aston (1972, p.19), essa preocupação pela data já era um estilo historiográfico das narrações registradas na China que foi copiada pelos editores do *Nihon Shoki*. Com relação a esse assunto, abaixo segue uma exemplificação temporal relatada nas duas obras:

<i>Kojiki</i>	<i>Nihon Shoki</i>
<p><i>From there he moved to the palace of Wokada in Tukusi (where he) dwelt for one year.</i></p> <p><i>From that land he journeyed upward and dwelt seven years in the palace of Takeri in the land of Aki.</i></p> <p><i>From that land he moved and journeyed upward and dwelt eight years in the palace of Takasima in Kibi.</i> (PHILIPPI, 1985, p.164)</p>	<p><i>The year Tsuchi no to Hitsuji, Spring, 2nd month, 20th day. The Emperor commanded his generals to exercise the troops.</i></p> <p>(...)</p> <p><i>3rd month, 7th day. The Emperor made an order, saying: “During the six years that our expedition against the East has lasted, owing to my reliance on the Majesty of Imperial Heaven, the wicked bands have met death.</i> (ASTON, 1972, p.129)</p>

Além das informações complementares, às vezes aparecem também informações conflitantes, como pode ser verificado no segundo quadro comparativo acima, no qual o leitor

percebe que na tradução do *Kojiki* quem falou o trecho citado foi o irmão mais velho de Jinmu, Itu-Se-No-Mikoto:

Then (Itu-Se-No-Mikoto) said: It is not right for me, the child of the sun-deity, to fight facing the Sun. This is why I have been wounded by such a lowly wretch. Now let us go around to where the sun will be at our backs and attack. (PHILIPPI, 1985, p.165)

Por outro lado, no *Nihon Shoki* evidencia que a citação foi feita pelo próprio imperador Jinmu:

The Emperor was vexed, and revolved in his inmost heart a divine plan, saying:

I am the descendant of the Sun-Goddess, and if I proceed against the Sun to attack the enemy, I shall act contrary to the way of Heaven. Better to retreat and make a show of weakness. Then sacrificing to the Gods of Heaven and Earth, and bringing on our backs the might of the Sun-Goddess, let us follow her rays and trample them down. If we do so, the enemy will assuredly be routed of themselves, and we shall not stain our swords with blood. (ASTON, 1972, p.113)

Portanto, esses são alguns detalhes que demonstram que os episódios narrados nas duas obras são os mesmos, porém com abordagens diferenciadas, mas que ambos identificam o povo japonês e certificam a existência de uma história antiga do Japão.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE HISTÓRICA DA NARRATIVA DO IMPERADOR JINMU

Para fundamentar a análise historiográfica das versões narrativas sobre o imperador Jinmu no *Kojiki* e no *Nihon Shoki*, há a necessidade de indicar a contribuição dessa narrativa para a construção da história antiga do Japão, bem como tentar descrever os métodos de construção historiográfica japonesa no período Nara. Embora a obra literária seja o elemento primordial para a análise de uma literatura, há também outros temas secundários que são necessários para complementar a análise, como “o escritor, o leitor, o público (entidade coletiva), o meio ambiente cultural da obra e a história literária de que ela faz parte” (AMORA, 1973, p.42).

Ao se fazer uma análise histórica sobre o imperador Jinmu, percebe-se que o *Kojiki* e o *Nihon Shoki* são as principais fontes historiográficas ainda existentes referentes à antiguidade japonesa (embora tenham existido outros documentos anteriores que serviram de base para a compilação dessas duas obras, como o *Teiki* - Crônicas Imperiais, *Senki* - Crônicas do Passado, *Honji* - Relatos da Origem e *Kuji* - Relatos da Antiguidade). E mesmo tendo sido produzidas com estilos diferentes, não se pode negar a importância que elas têm para fornecer dados sobre a época primitiva japonesa, momento em que não havia a escrita no Japão. Elas constituem importantes fontes históricas, e a narrativa de uma elucidada o entendimento da outra e vice-versa.

The Kojiki and Nihon Shoki should be studied together. Not only were they planned and finished at almost the same time, but also, in dealing with the same subject matter, they often echo, complement, and elucidate each other. No serious study of early Japan is possible without making full use of both.
(PHILIPPI, 1985, p.15)

Apesar dessa complementariedade entre o *Kojiki* e o *Nihon Shoki*, não se pode esquecer que ambos tiveram perspectivas diferentes no momento de sua elaboração, ou seja, “enquanto o *Kojiki* é essencialmente humanístico e literário em sua natureza, o *Nihon Shoki* tende a ser mais político e ideológico” (IKEDA, 1974, p.83). O *Kojiki* foi feito com o intuito de caracterizar o folclore nipônico, assim como mostrar a identidade nacional, por meio da

exibição das formas culturais existentes desde os tempos remotos. Por sua vez, o *Nihon Shoki* teve um objetivo político de mostrar para a China e a Coreia que o Japão também tinha um registro histórico desde o início da civilização nipônica até a sociedade japonesa do século VII.

Nesse sentido, para analisar historicamente as duas versões sobre a vida do imperador Jinmu não basta apenas fazer um exame interno da narrativa. Isto é, não é suficiente destacar os dados que se encontram inseridos nos textos e desconsiderar os reflexos subjetivos calcados no poder da classe dominante e das práticas espirituais que posteriormente seriam entendidas como Xintoísmo. Vale ressaltar que já naquela época as pessoas que contribuíram para compilar essas obras precisaram utilizar a memória para relatar os fatos que, até então, estavam à mercê do esquecimento e da própria movimentação do poder dentro dos clãs, principalmente com relação às informações dos primeiros imperadores e do contexto social da era primitiva.

No caso do mito do imperador Jinmu, há um forte nacionalismo presente nesta narrativa, que foi intencionalmente almejada pela corte de Yamato. Em épocas mais recentes, desde 1873, vem sendo celebrado no Japão o *Kigensetsu* (em 11 de fevereiro), um feriado nacional japonês que representa “o aniversário de ascensão do imperador Jinmu considerado como o fundador da nação japonesa” (IKEDA,1974, p.48). Assim o imperador Jinmu é considerado um símbolo de patriotismo japonês, devido a sua história de unificação do território nipônico.

Sendo assim, a análise historiográfica da vida do imperador Jinmu perpassa as seguintes fundamentações históricas:

4.1 A importância da intuição para a construção da história

Com relação ao que foi abordado acima, pode-se inferir aqui outro fator importante para a transmissão da história, ou seja, a questão da intuição como elemento chave para auxiliar na construção historiográfica do passado. A historiografia interna “estaria voltada à busca das articulações internas dos fatos, um verdadeiro ‘mergulho’ no objeto, e exigiria do historiador uma postura intuitiva, única maneira de fazer reviver o passado estudado” (BRITO, 2003, p.15). Portanto, mesmo que o historiador não disponha de fontes concretas para narrar

os fatos, ele é impelido a narrar uma história baseada, em parte, na fundamentação intuitiva. Isso pode ser verificado no momento em que as crenças populares passaram a ter tamanha importância, que foram resgatadas e estruturadas em compilações (*Kojiki* e *Nihon Shoki*), fundamentando intuitivamente a construção de um passado.

Ikeda informa que:

no Japão representado pelo *Kojiki*, existiram elementos bem diversos do assim chamado sentido de transcendência da vida, ou *mono no aware* (sensibilidade às coisas) que se afirmou caracterizar a literatura japonesa tradicional. Em obras como o *Kojiki*, creio que encontramos uma expressão muito mais vital e poderosa do drama da vida. (IKEDA, 1974, p.61)

Os mitos indicam como os seres humanos “são movidos por uma necessidade ou um desejo de compreender o mundo que os envolve, a sua natureza e a sociedade em que vivem” (STRAUSS, 1978, p.19). Por esta razão, surgem as representações do passado, que, conseqüentemente, trazem uma explicação intuitiva para algo que já não pode ser comprovado cientificamente por nós, e

certamente é difícil determinar a origem dos japoneses baseando-se apenas nestas lendas. No entanto, não se pode negar que os mitos possuem uma notável capacidade de se espalhar para bem longe. Mas o que me interessa de forma particular é a universalidade dos homens do antigo Japão, poderíamos dizer, a forma pela qual o Japão se assemelha ao mundo como um todo. (IKEDA, 1974, p.55)

Dessa forma a tradição oral que existia no Japão antes do período Nara (710-794) foi resgatada pela corte imperial para transpor uma história que iria além do mundo físico, compreendendo os aspectos abstratos existentes na época, como a origem do mundo.

4.2 A classe dominante convencionou a história

Fazendo referência à postulação do passado, pode-se notar que a história é ou costuma ser manipulada pelas classes dominantes, as quais estão no poder e têm o objetivo de construir a história, seguindo a sua ideologia. É o caso do *Kojiki* e do *Nihon Shoki* que foram compilados por ordem da corte imperial que queria legitimar o seu poder frente à sociedade,

por isso a história antiga do Japão iniciou com os mitos que indicavam a hereditariedade divina dos imperadores.

Assim, consoante às ideias de Silva (2000, p.81), a identidade nacional não é simplesmente definida, mas sim imposta, pois a caracterização de um povo se manifesta no plano da absorção das ideologias emanadas pela classe dominante. Contudo, vale ressaltar que naquela época cada clã na sociedade japonesa tinha seu chefe, conhecido como *ujigami*⁴, que tinha o dever de reconhecer e afirmar a história do seu povo, por meio de mitos que caracterizavam seu clã sob a influência de um determinado *kami*. Esses mitos serviram de base para a identificação de cada clã, durante as compilações dos documentos anteriores ao *Kojiki* e ao *Nihon Shoki*, bem como foram utilizados posteriormente para reafirmar o poderio do clã de Yamato frente aos demais clãs.

Muitas das vezes o mito representa a defesa de uma ideia, de uma ideologia, algo que deve ser transmitido e compreendido de maneira que o próprio homem possa torná-la uma lição. Nesse caso, pode-se destacar que a narrativa mitológica de Jinmu é caracterizável como um mito de busca visionária. Isto é, quando o criador do mito (neste caso os compiladores das duas grandes obras supramencionadas):

deixa o mundo onde está e se encaminha na direção de algo mais profundo, mais distante ou mais alto. Então atinge aquilo que faltava à sua consciência, no mundo anteriormente habitado. Aí surge o problema: permanecer ali, deixando o mundo ruir, ou retornar com a dádiva, tentando manter-se fiel a ela, ao mesmo tempo em que reingressa no seu mundo social. (CAMPBELL, 1990, p.142)

Isso foi exatamente o que ocorreu no *Kojiki* e no *Nihon Shoki*, os quais se iniciam pela mitologia dos deuses, da formação do Japão, o que é seguido pela história do imperador Jinmu, sendo este considerado o divisor entre a “Era dos *kami*” e a “Era dos Homens”; em seguida vêm as histórias dos imperadores. Assim a história japonesa relatada nessas duas obras percorre uma linha mítico-histórica, pois se inicia com a transcendência de

⁴ *Clan Chieftains (ujigami) not only administered clan affairs but also functioned as the chief priests in the worship of clan kami, administering (like the heads of subject villages) both secular and sacral affairs. A clan chieftain did not stamp out the religious beliefs and practices of conquered villages but insisted that his authority be recognized and ritually affirmed by everyone in his domain.* (BROWN, 1993, p.18).

Takamagahara para um mundo físico até os relatos de imperadores consideráveis como reais, segundo o ponto de vista historiográfico.

4.3 Mito fundador

Este assunto é trabalhado pelo teórico Tomaz Silva que indica a existência de um mito que inicia todo o processo que unifica um povo, uma nação. Ele afirma que:

No caso das identidades nacionais, é extremamente comum, por exemplo, o apelo a mitos fundadores. As identidades nacionais funcionam, em grande parte, por meio daquilo que Benedith Anderson chamou de “comunidades imaginadas”. Na medida em que não existe nenhuma “comunidade natural” em torno da qual se possam reunir as pessoas que constituem um determinado agrupamento nacional, ela precisa ser inventada, imaginada. É necessário criar laços imaginários que permitam “ligar” pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum “sentimento” de terem qualquer coisa em comum. (SILVA, 2000, p.85)

Dessa forma, dentro do contexto de legitimação dos imperadores, Jinmu é considerado o mito fundador para os demais imperadores japoneses, pois foi a partir dele que ficou firmado o poder divino dos imperadores sobre a sociedade e, mesmo sendo um personagem mitológico, as crenças de que os imperadores são descendentes diretos dos deuses fazem com que as preconizações se tornem convenções no âmbito social.

Sobre isso, Paul Ricoeur, em sua divisão das funções da ideologia, indica que neste caso, em que a ideologia é propagada pela classe dominante, exerce uma função geral ou de integração que é de “difundir a convicção para além do círculo dos fundadores, para convertê-la num credo de todo o povo” (RICOURE, 1991, p.68).

Isso foi o que caracterizou o mito de Jinmu, consagrando-o como um indivíduo divino que veio estabelecer a ordem social e impor uma identidade japonesa, uma vez que a “identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2000, p.75). Isto é, a pretensão deste mito de Jinmu foi propagar a unificação do Japão, por meio da junção dos clãs a um único sistema político-

administrativo que caracterizava uma nação aos moldes da organização política chinesa daquela época.

4.4 Características culturais

A análise histórica da narrativa de Jinmu tem muito para oferecer sobre os aspectos culturais do período Nara. Pode-se extrair várias características associadas aos pensamentos que existiam naquela época em que as obras foram escritas, bem como nos revela acontecimentos que permanecem até hoje no pensamento japonês sobre o mundo antigo do Japão, inclusive com relação às oferendas às divindades que são usados pelos adeptos da religião xintoísta nos dias atuais, e “pode constituir em dinheiro, alimentos ou bebidas” (GAARDER, 2000, p.92).

Joseph Campbell (2004, p.364) afirma que o *Kojiki* e o *Nihon Shoki* são heranças do Xintoísmo, religião autóctone do Japão, pois as crenças e tradições passaram a ser histórias e cultura nacional após a compilação dessas obras. Atualmente, há indícios que essas obras são consideradas sagradas no Xintoísmo, por exemplo, a versão do *Kojiki* de Chamberlain (1919) é encontrada em sítio eletrônico proveniente da religião xintoísta que o identifica como texto sagrado.

Igualmente, há a informação de que além dos propósitos políticos refletidos nas obras acima mencionadas, pode-se retirar dos mitos relatados, inclusive na narrativa do imperador Jinmu, características morais, sendo que ele foi considerado como o pacificador, ou seja, lhe foi atribuído o sentido de que, apesar das disputas com os outros clãs, tudo o que ocorreu foi em busca de uma unificação e pacificação para toda nação japonesa.

Os santuários Xintoístas no Japão são espaços sagrados devido à forte proximidade com os *kami*. Existem três símbolos mais importantes dessa religião que são: “um espelho, uma joia ornamental e uma espada, que ficam guardados em três dos maiores templos xintoístas. O espelho, a joia e a espada estão ligados a um mito relativo à deusa do sol, Amaterasu, e ao primeiro imperador do Japão” (GAARDER, 2000, p.91).

Além disso, pode-se verificar outros pontos culturais que são apontados no mito do primeiro imperador, como a devoção de Jinmu pelos deuses, por exemplo, no momento em

que realiza festas e oferendas às divindades. Verificamos também o forte intercâmbio cultural entre China e Japão que ocorria durante o período Nara, juntamente com a influência do Budismo que se inseriu no Japão e que naquela época foi de encontro com o xintoísmo, por isso houve a necessidade de fortalecer uma ordem nacional com as práticas sociais já existentes.

4.5 A importância da memória

Para Pollack, “a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à ‘Memória oficial’, no caso a memória nacional” (POLLACK, 1989, p.1). Isto é, o registro das memórias não se dá no nível de oficializar tudo o que está na memória coletiva, mas sim são estabelecidas por quem está no poder.

No período Nara (710-794), a corte imperial tinha esse poder de registrar uma memória oficial que fosse condizente com a hegemonia do clã imperial de Yamato. Assim, ao iniciar a história da “Era dos Homens” no *Kojiki* e no *Nihon Shoki* com o relato sobre o imperador Jinmu, a classe dominante caracteriza uma memória que estabelece o nascimento da conduta de um imperador, como guerreiro, bem como reafirma no contexto valorativo de que os deuses estavam ao lado dos imperadores, inclusive nos momentos de combate.

Essa memória registrada pela corte imperial prevalece em detrimento da ocultação das memórias subterrâneas, classificadas por Pollack como as memórias da classe dominada que não fazem parte da história oficial. Embora tenha ocorrido uma preocupação por parte da corte imperial de Yamato em preservar os mitos de cada clã, sendo coletados e registrados em documentos oficiais da corte, vale destacar que a corte de Yamato estabeleceu a sua supremacia diante dos outros clãs (*uji*) ao enfatizar sua origem mitológica com maior reverência em detrimento aos demais mitos perpetuados por cada *ujigami*.

Assim, verificando a história antiga do Japão, percebe-se que no período Nara, as informações eram propagadas de forma que se tornavam dogmas sociais. Os cidadãos daquela época absorviam essas histórias (que eram enquadradas às pretensões da corte imperial) como se fossem verdades. Isso explica a saga do imperador Jinmu ao leste japonês.

4.6 Conflitos de identidade

As guerras narradas na história de Jinmu revelam uma característica histórica de que sempre as sociedades entram em conflito por causa de identidades opostas. Jinmu e sua tropa sempre combatiam os clãs que tinham uma concepção diferente da dele. Neste sentido, infere-se que “com frequência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável” (WOODWARD, 2004, p.13) Essa é uma das razões pela qual os conflitos no mito de Jinmu acontecem, pois além da sua pretensão política, os clãs que têm pensamentos adversos são aniquilados pela sua tropa e os que se identificam com ele se unem.

Isso se deve porque antes do período Nara (710-794), havia a disputa dos dois principais clãs, Yamato e Izumo:

When one examines the contents of the Kojiki and Nihon Shoki, it seems to emerge, generally speaking, that before the time when they were compiled there were two major lines of gods identifiable in provincial tradition – the Izumo line and the Yamato line. The Izumo line concentrated on Kamimusuhi, Susanoo (the Storm God) and Susanoo’s sons, particularly Ônamuchi (or ôkuninushi). The Yamato line was concentrated on Takamimusuhi, Amaterasu and her sons, and it seems that the ruling families of Izumo and Yamato claimed descent respectively from these different groups of gods. (KATO, 1979, p.40)

Como o clã Yamato obteve um poderio maior, verifica-se a conseqüente subordinação do clã Izumo. Ocorreu assim, intencionalmente pela corte imperial, a unificação da sociedade japonesa ao tentar estabelecer uma ordem social.

A conspicuous effort is made by the myth-tellers to link the imperial line with the Sun Goddess in this story of Emperor Jimmu. There is also assertion of the superiority of the imperial line, and the emperor was presumed to rule all “under heaven under one roof” (Hakko Ichiu), which gave later nationalist justification for Japan’s imperialistic expansion. (LU, 1996, p.9)

Em suma, a despeito dos diversos graus de reverência dados ao *Kojiki* e ao *Nihon Shoki*, os interessados pela história antiga do Japão devem estudá-los concomitantemente.

Mesmo retratando o passado de maneira diversificada, a história narrada por essas obras ilustram a antiguidade japonesa, das quais existem poucos dados concretos a respeito da cultura e estilo de vida dos clãs (*uji*) que habitavam o território nipônico antes do período Nara. Além disso, a função desse mito do imperador Jinmu evidencia como um mito pode se transformar em elemento histórico, que indica o pensamento e estilo de uma determinada época e que permanece perene até os dias atuais na sociedade japonesa, e, segundo Ikeda (1979), pode-se ver até na bandeira do Japão, na qual o círculo vermelho indica o sol, remetendo-se à deusa Amaterasu como símbolo do Japão atual.

CONCLUSÃO

As informações encontradas no texto sobre a expedição do imperador Jinmu pelo território japonês trazem à tona o contexto sociopolítico do Japão, assim como evidencia a posição da corte imperial no período Nara ao subjugar os fundamentos políticos às várias comunidades que habitavam no Japão. Além disso, as relações do Japão com os outros países mostraram que os registros sobre o território nacional tiveram suma importância para caracterizar a identidade de um povo. Dessa forma, foram produzidas as primeiras obras japonesas mais voltadas às questões políticas e sociais do que meramente artística ou literária.

Contudo, vale destacar que naquela época existia a tradição oral dos mitos sobre o Japão, bem como havia os relatos estrangeiros sobre o povo japonês, mas foi com a compilação do *Kojiki* e do *Nihon Shoki*, feitos a mando das autoridades que pretendiam oficializar uma história japonesa, que houve uma adequação dos mitos existentes ao pensamento da corte imperial. Assim, além dos demais mitos existentes nessas obras, o mito sobre o imperador Jinmu serviu para reforçar a ideia de que os imperadores eram dotados de sabedoria divina e eram os únicos capazes de dominar o Japão, pois eram seres descendentes dos deuses criadores do arquipélago japonês. Essa foi a forma de pensamento propagada pela corte para os diversos clãs.

O presente trabalho caracterizou o mito do imperador Jinmu de modo que este imperador fosse um personagem que inicia o fio condutor das sucessões imperiais, após os relatos mitológicos da “Era dos *Kami*”. Portanto, por meio dessa análise ficou claro que a história do primeiro imperador japonês reflete algumas características culturais do Japão antigo e como este imperador se tornou símbolo de nacionalismo japonês, considerado o mito fundador do Japão. Assim, os fundamentos históricos ajudaram na racionalização do mito de Jinmu, bem como trouxe a percepção de que o ser humano tem essa necessidade de criar histórias a fim de explicar as origens das coisas, principalmente das sociedades e dos seus ambientes.

Em suma, por meio dessa análise verifica-se que a corte de Yamato conduziu o curso da história antiga do Japão, os dados coletados para a compilação do *Kojiki* e do *Nihon Shoki* serviram para registrar a tradição oral, não somente do clã de Yamato, mas de vários clãs existentes no arquipélago japonês. Contudo houve uma manipulação histórica para elevar a corte de Yamato a um caráter de superioridade em relação aos demais clãs. O resultado disso

são as características simbólicas dadas ao *Kojiki* e ao *Nihon Shoki*, bem como ao mito do imperador Jinmu, considerado até hoje como o fundador da nação japonesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORA, Antônio Soares. *Introdução à Teoria da Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ARANHA, Maria; MARTINS, Maria. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna Ltda, 2005.
- ASTON, Willian. George. *Nihongi: Chronicles of Japan from Earliest Times to A.D. 697*. Boston, MA: Tuttle Publishing, 2005.
- _____. *A History of Japanese Literature*. Boston, MA: Tuttle Publishing, 1972.
- BLOCH, Marc. A História, os Homens e o Tempo. In: *Introdução à História*. Lisboa: Europa-América, 1965, pp. 42-68.
- British Broadcasting Corporation - BBC. In *Religions: Core stories of Shinto*. S.D. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/religion/religions/shinto/texts/books.shtml>. Acessado em 09/06/2014.
- BRITO, Eleonora Z. C. O Campo Historiográfico: entre realismo e as representações. *Universitas*. Vol. 1, nº 1, Revista da Faculdade de Ciência da Educação-História, UNICEUB, 2003, p 9-23.
- BROWN, Delmer. *The Cambridge History of Japan*. Vol. 1. New York: Cambridge University Press, 1993.
- _____. *Nihon Shoki* (Commentary by Dr. Delmer Brown, professor emeritus of history, University of California Berkeley) Artigo de 2006. Disponível em: <http://sunsite.berkeley.edu/jhti/Nihon%20shoki.html>. Acessado em 22/04/2014.
- CHAMBERLAIN, Basil Hall. *The Kojiki: Records of Ancient Matters*. 1919. Disponível em: <http://www.sacred-texts.com/shi/kj/index.htm>. Acessado 25/05/2014.
- CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- _____. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. *Para viver os mitos*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- _____. *As Máscaras de Deus – Mitologia Oriental*. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- CHARTIER, Roger. A História Hoje. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, pp. 1-12.
- CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2010
- COLLCUTT, Martin; JANSEN, Marius; KUMAKURA, Isao. *Japão: O império do sol nascente*. Madri: Del Prado, 1998.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.
- GAARDER, Jostein. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- IKEDA, Daisaku. *Os Clássicos da Literatura Japonesa – Comentários e Discussões*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

KATO, Shuichi. *A History of Japanese Literature. The First Thousand Years*. Tokyo/NY/S. Francisco, Kodansha Internacional, 1979.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. São Paulo: Edições 70 - Brasil, 1978.

LU, David. J. *Japan – A Documentary History*. Volume I. Nova York: M.E. Sharpe, Inc, 1996.

MASON, R. H. P; CAIGER, J.G. *A History of Japan*. Tokyo: Charles E. Tuttle Company, 1984.

MIETTO, Luís Fábio M. O Kojiki e o universo mitológico japonês da antiguidade. *Estudos Japoneses*. São Paulo: USP, 1995.

_____. Uma interpretação histórica do Kojiki. In: *Anais do IV Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa*. São Paulo: USP, 1993.

MOISÈS, Massaud. *A Análise Literária*. São Paulo: Cultrix, 2002.

PHILIPPI, Donald L. *Kojiki – translated with an Introduction and Notes*. Tokyo: University of Tokyo Press, 1985.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, v. 2, n. 3, 1989. pp. 3-15.

_____. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, v. 2, n. 3, 1992. pp. 200-212.

REIS, José Carlos. *A História entre a Filosofia e a Ciência*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RICOUER, Paul. *Ideologia e Utopia*. Lisboa. Edições 70. 1991.

_____. Historia e Mito. In: *Enciclopedia delle Religioni*, vol I, Oggetto e modalità della Credenza Religiosa. Disponível em:

<http://xa.yimg.com/kq/groups/20919555/1625967110/name/mito+e+historia+Paul+Ricoeur.doc>. Acessado em: 26/05/2014.

ROCHA, Everardo P. G. *O que é Mito?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROSSI, Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho. Mitologia, Semiótica e Antiguidade Clássica. In: *Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007* Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0036.pdf>. Acessado em: 26/05/2014.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 73-102.

SOUSA, Eudoro de. *Historia e Mito*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

SUZUKI, Tae. A Escrita Japonesa. In: *Japoneses*. Volume 5. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo, 1985.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. In: *Identidade diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 7-71.